

PERCEPÇÕES DA PERFORMANCE DA LINGUAGEM NA CIBERPOESIA*

Isa Maria Marques de Oliveira¹

CEFET/MG

RESUMO

O processo histórico da produção poética-literária desde o movimento modernista de 1922 vem mostrando desdobramentos significativos que agregou novas formas de representação poética. A poesia passa a incorporar elementos simbólicos, performáticos e interacionais que traduzem numa poesia híbrida que está inserida num contexto dinâmico o qual se encontra adequada aos suportes tecnológicos. Dentro dessas inserções técnicas e tecnológicas, a poesia passa a ter uma representação diferente em que o leitor estava habituado, o texto numa folha de papel. A performance da linguagem na ciberpoesia busca compreender a dimensão poética e interativa que a poesia adquire quanto à sua forma de representação literária, e é perceptível pelos desdobramentos ocorridos a partir do modernismo e do concretismo, sendo este ponto de partida para mudanças significativas na produção poética.

Palavras-chave: Performance da Linguagem. Poesia. Ciberpoesia. Comunicação. Cibercultura.

INTRODUÇÃO

A poesia contemporânea incorporou, na sua forma mais recente de expressão literária e linguística, a articulação entre arte e tecnologia teve como um de seus principais resultados a criação de uma linguagem multimídia. Os termos “poesia digital”, “ciberpoesia”, etc. designam um tipo de poesia que adquire contornos por meio de linguagens híbridas (som, imagem, animação e texto). Para Ferreira (2008) a hibridização da linguagem envolvida na

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivre.org>

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem – CEFET/MG. Pós-Graduada em Comunicação: Imagem e Culturas Midiáticas – UFMG, 2011. Pós-Graduada em Linguística – UGF, 2010. Graduada em Administração Pública, FJP, 2008. Vinculada ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG

elaboração da poesia digital está atrelada ao experimentalismo e a uma convergência de campos sobre um mesmo objeto.

A poesia digital traduz-se como poema-processo, o poema em eterna construção: como potencialidade, permitindo um largo número de experimentações, metamorfoses e, principalmente, atualização de devires. Segundo Marques (1999), “o texto do poema digital não é dado de antemão e sim, resulta de um diálogo” (MARQUES, 1999, p. 07): programas que lhes conferem diversos modos de manipulação, navegação (percurso), transformações animadas e sonoras, etc.

Este artigo tem como objetivo entender como se apresenta a enunciação do ponto de vista das manifestações poéticas virtuais, cujo leque de dispositivos como som, imagem, textos interativos ou digitalizados, possibilita diferentes e diversas formas de expressar a poesia. Mas seria esta linguagem virtual uma performance da linguagem? Poderia se pensar os ciberpoemas como uma performance da linguagem segundo a teoria da interação verbal apontada por Bakhtin?

Na análise exploratória cuja primeira intenção é mostrar a evolução a partir de uma aproximação entre três diferentes formas poéticas que tenham uma temática em comum: a xícara de café/chá do café da manhã. Em seguida busca-se a identificação dos recursos de linguagem que compõem ciberpoema disponível no *site*: www.ciberpoesia.com.br. Especificamente, pretende-se analisar os elementos que caracterizam a performance da linguagem sob a perspectiva da interação verbal de Bakhtin.

1 PERFORMANCE DA LINGUAGEM NA CIBERPOESIA

Carlson mostra que o surgimento da performance envolveu a mudança de se enxergar ‘o mundo como texto’ para se ver ‘o mundo como performance’ ” (CARLSON, 2009, p. 216).

Para Bakhtin, a performance da linguagem se fundamenta sobre o entendimento de que as palavras são articuladas pelo falante em enunciados que repetem e ecoam vozes presentes em enunciados anteriores.²

É nesse contexto que a performance da linguagem surge como elemento representativo da enunciação ilocucionária³. Ou seja, a performance da linguagem apresentada por Bakhtin

² Para Bakhtin, a fala é uma sobreposição de usos de outras falas num contexto corrente, resultando em múltiplas vozes. “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.” (BAKHTIN, 1997, p. 291).

³ Segundo MEUNIER (2008), “o ato ilocucionário é aquele que realizamos ao efetuarmos um ato locucionário, ao dizermos alguma coisa: ‘trata-se de um ato efetuado dizendo alguma coisa, em oposição ao ato de dizer alguma coisa’” (AUSTIN *apud* MEUNIER, 2008, p.72).

envolve a enunciação de uma informação, uma afirmação ou promessa capaz de engajar sujeitos como interlocutores em um contexto interativo e desencadear, por meio das múltiplas interações aí estabelecidas, diferentes leituras/interpretações. Sob esse aspecto, a performance da linguagem pode ser percebida como elemento simbiótico e interacional.

A performance da linguagem na obra de Bakhtin está intrinsecamente ligada à interação verbal realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. Essas relações entre a linguagem utilizada na situação interativa e aquilo que extrapola tal situação, nos remete ao principal conceito de Bakhtin: o dialogismo. Este é entendido como uma relação que se faz necessária quando o enunciado se entrecruza com outros enunciados. Com isso ele incorpora “sentidos e conotações”, o que evoca a ideia central de que um enunciado se relaciona com outros enunciados, estabelecendo aí uma relação de encadeamento. Bakhtin nos mostra que “qualquer desempenho verbal inevitavelmente se orienta por outros desempenhos anteriores na mesma esfera” (Bakhtin *apud* STAM, 1992, p. 73).

Bakhtin vê qualquer fala envolvida com uma citação ou fala anterior, mas também enfatiza que nenhuma citação é inteiramente fiel, em virtude do contexto mutante. Essa orientação dupla de fala, sempre envolvida com a reprodução, mas também com o fluxo, (...) uma tensão criativa entre repetição e inovação que está profundamente envolvida em visões modernas de performance, linguística e não linguística. (CARLSON, 2009, p. 71)

Bakhtin (1997, 2004) mostra que a linguagem expressa por si mesma enunciações capazes de representar algo quando enunciada e que as limitações exteriores são definidores de sua expressão. Nesse sentido, o locutor espera que a compreensão não seja passiva pois ele não é o primeiro enunciador da fala, ele é reproduzidor, sendo ele mesmo um respondente de enunciados anteriores.

Numa abordagem mais recente dentro de um contexto de novas mídias e da cultura tecnológica, Silverstone define performance como circulação de significados, em que as manifestações em ambientes virtuais se tornam um “corpo no ciberespaço, flutuando como um grão de poeira no éter eletrônico. (...) uma performance no espaço virtual” (SILVERSTONE, 2002, p. 145). O autor mostra, seguindo um pouco o pensamento de Bakhtin, que as comunicações estabelecidas virtualmente através dos signos textuais ou imagens contidas nos “*links* eletrônicos constroem uma rede invisível e momentaneamente significativa de conexões” com outros textos, hipertextos ou outros *sites*, hiperlinks, ou até mesmo com outros dispositivos, hiper-mídias.

Reconhecer a poesia digital como modalidade artística que explora múltiplos aspectos da palavra é o primeiro passo para compreender sua natureza performática e o papel central que outras mídias desempenham na construção de seus significados.

Os elementos teóricos acima evidenciados permitirão perceber as potencialidades performáticas do poema digital criado em canais multimidiáticos e a possibilidade de compreendermos como operam as novas linguagens literárias no meio virtual.

2 A AÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM: do modernismo à ciberpoesia

Uma reflexão feita a partir de diferentes referências acerca da história do surgimento da poesia concretista leva a compreender que a percepção de novos conceitos e novas formas de expressão como ocorreu inicialmente com o modernismo.

Manuel Bandeira, um dos poetas que representou a segunda fase do movimento, mostrou por meio de seu poema “Trem de Ferro” (1936) o que significa a poesia modernista. Tal poesia trouxe consigo uma forma expressiva que traduzia em seu texto confluências com o som e a imagem, além de configurar um rompimento da métrica da poesia tradicional via produção de versos livres.

No poema “Trem de Ferro”, pode-se perceber que os versos apresentam métrica, assonância e aliteração que remetem a uma sonoridade, dando ideia de movimento e esboçando no âmbito imaginativo do leitor um trem em movimento como a Maria Fumaça, devido à evocação feita no título. Ao ler o poema, que inicia-se com a expressão “Café com Pão” - repetida três vezes como se fosse um refrão musical -, percebemos imediatamente a presença do som e do movimento. A musicalidade pode ser percebida, por exemplo, na inclusão de algumas onomatopeias como “Oô, Ôo, Ôo”. O movimento rápido e vagaroso do trem é identificado pela métrica dos versos livres: o poema começa com versos trissílabos e depois reduz a velocidade com versos mais longos, de quatro ou cinco sílabas poéticas. Nesse fluxo, o poema perde a rima e os versos ficam mais livres.

Em seguida, somos apresentados a uma cena de uma manhã e a vida começa a se movimentar, uma ideia de imagem. O trecho “café com pão” remonta à imagem de uma mesa com uma xícara de café, um pedaço de pão e, ao lado, uma janela que serve de tela para transpor ali diversas cenas/cenários compostos.

Poema: Trem de Ferro

(excerto)

“Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista? Agora sim
 Café com pão
 Agora sim
 Café com pão
 Voa, fumaça
 Corre, cerca
 Ai seu foguista
 Ôo
 (...)”

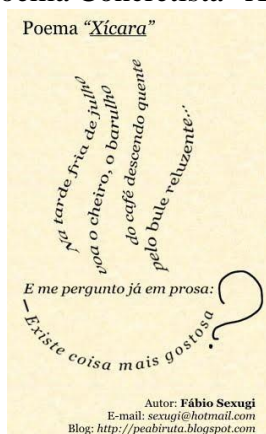
Fonte: BANDEIRA, Manuel (2000)

A performance da linguagem representada no poema traz à luz a interação do leitor com o poema no momento que a poesia toma forma, ganhando corpo e movimento na enunciação. Esta faz com que o leitor se sinta parte daquele cenário: leva-o a ler o poema com sua voz emitindo o som que o poema evoca.

O Concretismo, como movimento que se estruturou à luz do modernismo, apostou em algo além da dimensão bidimensional e linear do poema sobre a folha de papel. O movimento utilizou técnicas capazes de agregar ao poema novas formas de escrita e disposição das palavras, rompendo com a linearidade, o som implícito e a imagem oculta e imaginária ao expor essas manifestações ao leitor. Assim, as imagens sugeridas pelos poemas tornam-se agora visíveis ao leitor.

No mesmo molde temático do poema “Trem de Ferro”, o poema “Xícara” (2010), de Fábio Sexugi, mostra a forma como as palavras do poema se dispõem no papel a fim de representar a ideia de uma xícara. Este objeto está explícito no próprio poema, “desenhado” como uma xícara, e conservando a potencialidade de evocar ao leitor o café quente, dentro de uma xícara, exalando fumaça e aroma (quase podemos sentir o cheiro da bebida, sentir o seu gosto).

Figura 1- Poema Concretista “Xícara”, 2010



Referência/Fonte: SEXUGI, Fábio. Poema “Xícara”, 2010.
 Disponível em < <http://peabiruta.blogspot.com> > Acesso em: Nov. 2011

Neste poema, a performance da linguagem está intimamente ligada ao movimento adquirido pelas letras e palavras, além do entrelaçamento dinâmico entre texto e imagem, dando forma e sentido diferente à expressão poética usual e, portanto, convocando o leitor de maneira inabitual, estabelecendo com ele uma atividade de deslocamento do olhar e de sentidos.

Antonio (2010) argumenta que a palavra passa por um processo de negociação com a imagem e os grafismos das letras (manuscritas, digitais ou manipuladas graficamente), apresentando as interferências resultantes na produção da poesia visual. O concretismo apresenta uma poesia mais visual, e requer do leitor uma compreensão simbólica da imagem para que possa apreender o texto poético como um todo, imagem e texto são um dos pilares iniciais do movimento.

2.1 Dimensões performáticas nos ciberpoemas

A ciberpoesia utiliza das mídias audiovisuais via computador e internet para uma “circulação espacial e não mais somente temporal do texto” (DONGUY, 1997, p. 257).

O computador possui suportes físicos e digitais que oferecem possibilidades à poesia de adquirir novas significações, mediações, interações etc. A linguagem poética no computador não é uma linguagem científica, mas uma linguagem performativa, onde há “a performance da letra, da imagem, da cor, da forma, do signo” (FERREIRA, 2011, online)⁴ e dos enunciados provenientes da interação por meio da qual o texto se apresenta e se abre ao ciberleitor.

A partir dos desdobramentos da poesia concretista e de suas astúcias na exploração da página em branco pode-se analisar aspectos estéticos, interacionais⁵ e performáticos do ciberpoema “Chá”. O ciberpoema “Chá”, de Capparelli e Ana Cláudia, na plataforma virtual www.ciberpoesia.com.br, foi desenvolvido utilizando o *software flash* que permite animações via *web*. O site possui várias ciberpoesias, algumas classificadas como poesias visuais, que são aquelas que os usuários apenas visualizam, (o que aproxima da poesia concretista “Xícara”, na sua forma de representação poética) cuja apreciação envolve apenas a visualidade do poema.

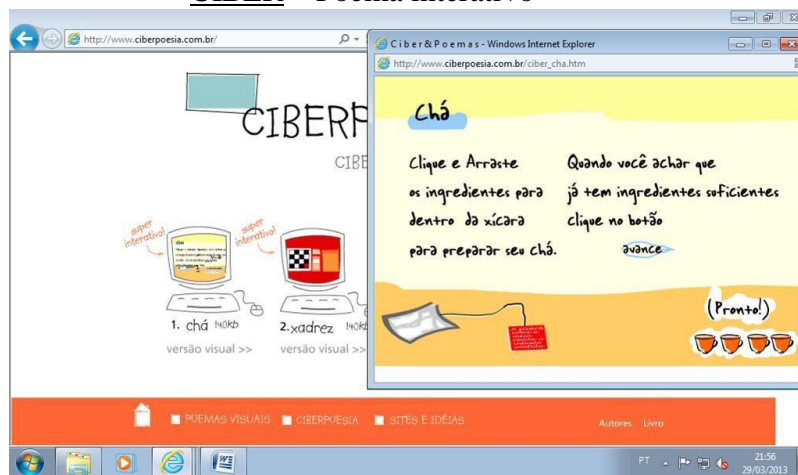
⁴ FERREIRA, Ana Paula. **Poesia digital: uma abordagem esferológica do texto poético. 2011. Disponível em** < www.medialab.ufg.br/art/anais/textos/AnaPaulaFerreira.pdf >.

⁵ Entende-se aqui por interação mediada por computador em obras digitais cuja participação do ciberleitor se faz elementar para que a ciberpoesia possa ser manifestada.

O ciberpoema “Chá” convoca o ciberleitor a compor o poema, a ser dele um co-autor. Nesta fase de transposição do poema visual para o interacional foram retrabalhados os poemas visuais que se converteram em hipertextos. Essa produção poética participativa apresenta elementos visuais que se movem na tela com o uso do mouse pelo usuário.

O usuário/leitor vê uma xícara vazia e cercada de itens, após colocar os ingredientes na xícara ele clica no *link* ‘pronto’ e surge o poema de dentro da xícara na forma de uma fumaça com cores e formas diferenciadas que aparece de acordo com os ingredientes postos na xícara. A escrita do poema é diferenciada tanto na cor, no som emitido e na forma.

Figura 2 - Ciberpoema “Chá” de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski – VERSÃO CIBER – Poema interativo



Referência/Fonte: CAPPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Claudia
Disponível em < http://www.ciberpoesia.com.br/ciber_cha.htm > Acesso em Nov. 2011

É possível dizer que a construção interativa do poema traduz o ideal concretista de um poema *verbo-voco-visual* e a performance da linguagem acontece pela interação visual e simbólica.

As interações apontadas por Bakhtin podem ser lidas na contemporaneidade num poema em 2D e em 3D. A tecnologia e a poesia convergiram para uma tradução semiótica da performance da linguagem, em que a tradição da arte da palavra se desdobra no suporte eletrônico possibilitando a mediação, a intervenção, e a mutação sígnica e de significações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os apontamentos teóricos levantados sobre a noção de performance mostraram que ela está presente em diversos campos e que é capaz de traduzir-se em linguagem verbal e não verbal. Em sua dimensão textual, a performance anima a linguagem, de modo a privilegiar a

criação poética de enunciados e situações de enunciação capazes de promover a interação e o dialogismo presentes na abordagem de Bakhtin.

As dimensões performativas da linguagem podem ser percebidas desde o poema modernista até o ciberpoema. A metodologia mostrou o percurso evolutivo da técnica, das tecnologias e da produção poética aliada à criatividade e à representação simbólica dos poemas. Além de elucidar questões sobre o papel da tecnologia e do ciberespaço na produção poética.

O modo como o poema representa (desempenha uma ação) para o outro é o que fundamenta a função da performance da linguagem, pois é a partir de uma preocupação com o outro que ela se traduz em diferentes interpretações.

Com isso, o dialogismo de Bakhtin atualiza-se através das relações estabelecidas entre as novas tecnologias e novas mídias e a capacidade performática da linguagem, cuja dinâmica híbrida é acentuada na cibercultura e na ciberpoesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, Jorge Luiz. **Poesia Digital: teoria, história, antologias**. São Paulo:Navegar Editora; Columbus, Ohio, EUA:Luna Bionde Prods; FAPESP, 2010. Livro e DVD.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. Martins Fontes:São Paulo, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **A interação verbal**. In: *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. SP: Ed. Hucitec, 2004.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem & Estrela da Manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CAPPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; KMOHAN, Gilberto. **Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia**. Revista FAMECOS, n.13: Porto Alegre, 2000.

CARLSON, Marvin. **PERFORMANCE: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG (Humanitas), 2009.

DONGUY, Jacque. **Poesia e novas tecnologias no amanhecer do século XXI**. In: DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. S. Paulo: Ed. UNESP, 1997.

FERREIRA, Ana Paula. **Poesia digital e não lugar: poesia e convergência de mídias e linguagens.** In: 7 Encontro Internacional de arte e tecnologia, 2008, Brasília. Arte e tecnologia: para compreender o momento atual e pensar o contexto futuro da arte. Brasília : Unb, 2008. v. 1. p. 1-10.

FERREIRA, Ana Paula. **Poesia digital: uma abordagem esferológica do texto poético.** Texto apresentado no X Encontro de Arte Internacional e Tecnologia, ocorrido em Brasília (UnB), entre 10 e 17 de agosto de 2011. Disponível em < www.medialab.ufg.br/art/anais/textos/AnaPaulaFerreira.pdf >, acesso em 22/11/11.

MARQUES, Angela C. S. **Poesia digital: passagens entre o tecno-poético e o tecno-lógico.** Revista GERAES, FAFICH/DCS, UFMG: Belo Horizonte, 1999, p. 03-11.

MEUNIER, Jean-Pierre. PERAYA, Daniel. **Introdução às teorias da comunicação.** Petrópolis, RJ:Vozes, 2008

SILVERSTONE, R. **Performance.** In: Por que estudar a mídia? SP: Loyola, 2002.

STAM, Robert. **BAKHTIN: da teoria à cultura de massa.** Ed. Ática:São Paulo, 1992.

Sites e blog:

CAPPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. www.ciberpoesia.com.br

SEXUGI, Fábio. <http://peabiruta.blogspot.com>